

A NECRÓPOLE GALAICO-ROMANA DE CORREDOURA (CAMPO, VALONGO)

José Marcelo S. Mendes Pinto

Em 1957, D. Domingos de Pinho Brandão promoveu a realização de um inquérito arqueológico à Diocese do Porto, levado a cabo no concelho de Valongo por J. Alves Dias e M. J. Alves de Oliveira (1).

Ao referirem a freguesia de S. Martinho do Campo, e decorrente de uma conversa "com um senhor da casa da Corredoura", noticiam o aparecimento a cerca de um metro de profundidade "de um quadrado de uns três palmos de lado, cavado na fraga e revestido interiormente por placas de lousa, contendo 2 cabaços de barro e uma chocolateira pequena também de barro, com restos de carvão e cinzas dentro".

A mesma pessoa contou ainda ter encontrado, ao abrir uma valeta a cerca de 50 metros do referido lugar, um "cabaço idêntico aos acima referidos, mas completamente isolado, sem qualquer quadrado de pedra, restando dos objectos encontrados apenas um bocado de um cabaço ainda com a cinza e um fragmento da chocolateira (2)".

A ideia de que poderíamos estar perante uma necrópole, utilizada pelos habitantes de um dos povoados ligados à exploração aurífera das serras

de St.ª Justa e Pias em época romana, ganhou forma quando soubemos da existência na Sociedade Portuguesa de Numismática, no Porto, de restos de duas bilhas e um prato com 5 moedas do séc. III, que tudo indicava provirem da mesma zona (3).

O lugar da Corredoura (Fig. 1) está localizado numa área xisto-argilosa sensivelmente plana, à cota dos 100 metros e vem referenciada na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25.000, folha 123, com as seguintes coordenadas geográficas:

41°	10′	26,7"	Lat. N
8°	28′	2"	Long. W

O seu próprio nome e o topónimo Milharia a escassos 200 metros indiciam a passagem de uma via de tradição romana que viria de Alfena, passava em Lombelho, no Monte do Preto, daí a S. Bartolomeu — onde apareceu uma epígrafe dedicada a Alboco (4) — e, pelo Susão, vinha a Valongo seguindo no traçado de parte da actual estrada nacional para Vila Real (5), onde existiria um entroncamento: enquanto o troço principal se dirigia a Campo atravessando o Rio Ferreira na

(1) Inquérito Arqueológico da Diocese do Porto, concelho de Valongo-freguesia de S. Martinho do Campo, edição policopiada, 1957. Levantamento efectuado por João Alves Dias e Manuel Joaquim Alves de Oliveira, à data alunos do Seminário.

(2) Esta descrição coincide com os fragmentos de dois vasos cerâmicos expostos no Museu Municipal Dias de Oliveira em Valongo, sob os números de depósito 89-55 e 89-71, que se conservavam precisamente na dita Casa da Corredoura.

(3) Agradecemos esta informação ao Prof. Doutor Rui Centeno, que além de preciosa orientação, nos viabilizou junto da Direcção da Sociedade Portuguesa de Numismática o estudo das peças referidas. Estas peças foram oferecidas à S.P.N. pelo Arq. Carlos Fonseca a quem haviam sido, por sua vez, oferecidas pelo proprietário de uma casa em construção no lugar da Corredoura, a cerca de 30 metros do local onde tinham sido encontradas as outras sepulturas na década de 50. Apesar de serem imprecisas as condições do achado, soubemos pelo Arq. Carlos Fonseca que tinham sido encontradas na abertura dos respectivos alicerces.

(4) Esta epígrafe é apresentada por A. C. Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste Peninsular*. Paços de Ferreira 1986, 232, e para quem significa uma entidade divina, de raiz pré-céltica, designando talvez o nome da serra em virtude do ouro aí explorado.

O contexto pré-romano desta inscrição revelaria que as minas da Serra de Valongo, já em exploração na época de Augusto, poderiam ter começado a ser exploradas anteriormente, "num enquadramento indígena.

(5) Cfr. C.A. Ferreira de Almeida, *As Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Porto 1968.

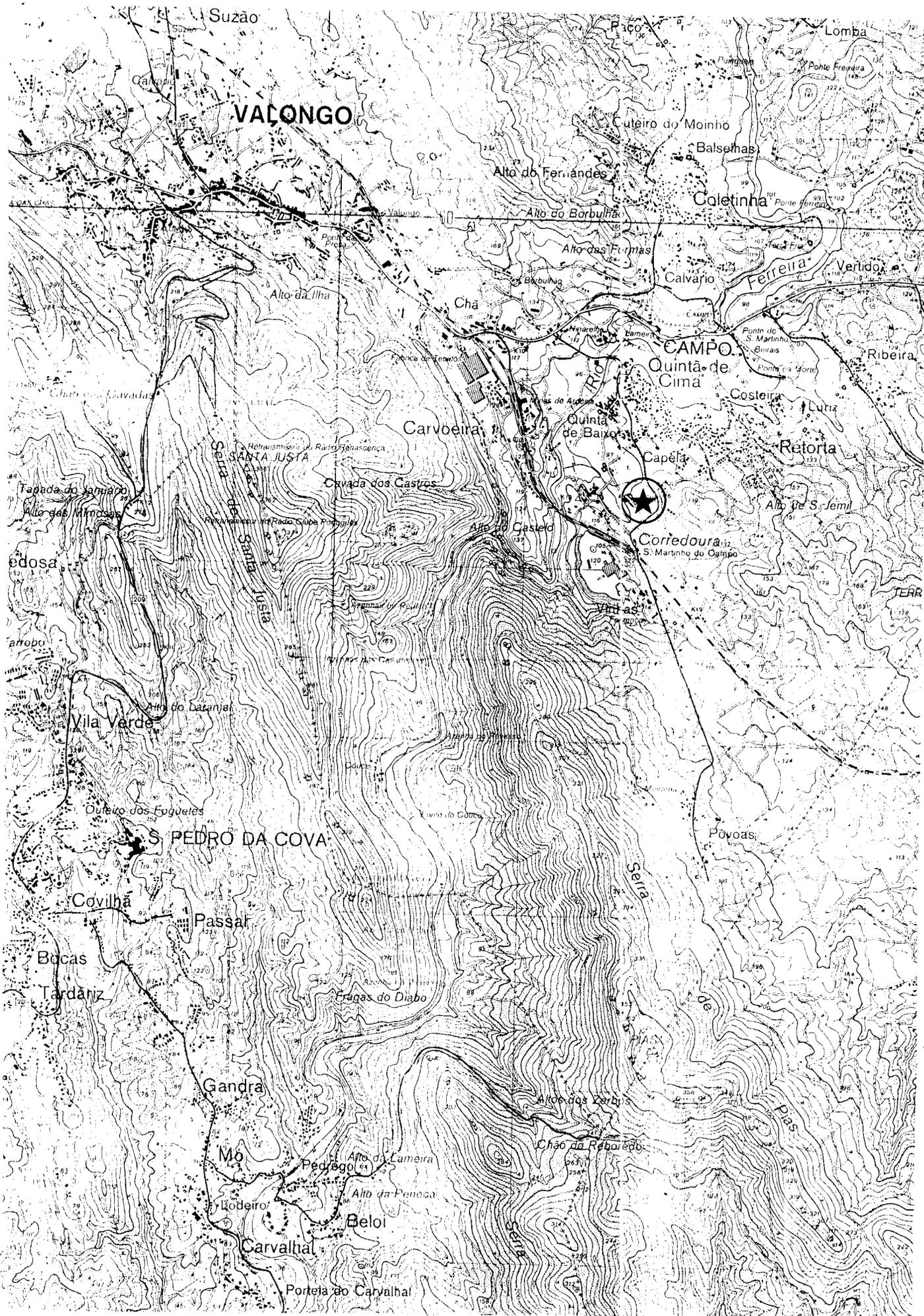


Fig. 1

ponte de Luriz ⁽⁶⁾, dirigindo-se a Gandra e daí a Penafiel e Entre-os-Rios, outro troço viria à Quintã, Capela e, pela Corredoura e Milharia, alcançava a serra de Pias dirigindo-se a Aguiar de Sousa.

Esta derivação estava provavelmente conotada com o escoamento do ouro extraído das explorações mineiras de Gondomar, Banjas, St^a. Justa e Pias, onde existem vestígios de povoados pré-romanos ocupando cabeços cuja escolha parece obedecer prioritariamente a necessidades estratégicas de defesa ⁽⁷⁾.

Com a ocupação romana e consequente aculturação, terão mudado os critérios de assentamento, daí o aparecimento de povoados abertos a cotas mais baixas. Tegulae, fragmentos de cerâmica comum e mós que encontrámos também em Campo, próximo à Corredoura, poderão indicar a existência de um povoado deste tipo em que a introdução de novas técnicas de exploração agrícola permite um melhor aproveitamento da área fértil que o circunda.

E pensamos que será com este povoado que se poderá relacionar a necrópole evidenciada pelo espólio que conhecemos referido a este lugar.

Levando em conta a descrição feita no Inquérito Arqueológico à Diocese do Porto, estaremos em presença de dois tipos de sepulturas de incineração: um, com sepulturas cavadas no afloramento, revestidas - e tapadas? - por placas de lousa, material típico e abundante na zona; o outro, com sepulturas abertas simplesmente na terra, menos cuidadas, não havendo ainda elementos que permitam distinguir com precisão momentos cronologicamente diferentes nos enterramentos, uma vez que estas diferenças tipológicas nos parece terem mais a ver com a expressão de desiguais condições económicas.

É que, se por um lado só a última das sepulturas referenciadas, aparentemente aberta na terra, revelou um espólio numismático capaz de permitir uma datação *ante quem*, por outro lado verificamos uma certa homogeneidade nos materiais cerâmicos exumados nestas sepulturas, de tipos morfológicos comuns em necrópoles tardias dos vales do Sousa e Tâmega ⁽⁸⁾.

BILHAS

— Almotolia fracturada, fig. 2.1

Almotolia de fundo ligeiramente côncavo pelo exterior, bojo levemente esvasado no arranque e envasado em seguida, pasta de cor rosada (Cailleux M70) ⁽⁹⁾, textura arenosa com algum desengordurante fino e micáceo de pequeno calibre e cerne acinzentado, com paralelos, entre outros, em Mózinho, Cruz, Lomba e Laboriz. Depósito: Museu Municipal Dias de Oliveira, Valongo. Número de inventário: 89-55

— Bilha fracturada, fig. 2.2

Fundo plano, bojo ovóide, pasta fina arenosa de cor rosada (Cailleux L 69) com pequenas manchas alaranjadas — vestígios de aguada? — (Cailleux N45). Depósito: Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.

— Bilha fracturada, fig. 2.3

Fundo ligeiramente côncavo, bojo ovóide, pasta fina arenosa de cor rosada (Cailleux M 67) com manchas alaranjadas — vestígios de aguada? — (Cailleux N45). Depósito: Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.

— Fundo de Copo, fig. 2.4

Fundo exterior ligeiramente côncavo e de convexidade interna muito acentuada, em pasta castanha avermelhada clara (Cailleux N 55), depurada, com pequenos grânulos de óxido de ferro, e paralelos em Mózinho, Cruz, Laboriz, etc. Depósito: Museu Municipal Dias de Oliveira, Valongo. Número de inventário: 89 - 71

⁽⁶⁾ Quando do levantamento do concelho de Valongo que realizamos em 1989, tendo em vista a elaboração da respectiva Carta Arqueológica, detectámos que esta ponte, apesar da sua clara reutilização medieval, possui um arco de descarga redondo de indiscutível tradição técnica romana, ainda com algumas pedras de aparelho almofadado e em nítido contraste com os seus dois outros arcos, apontados, esses sim de tradição medieval. Por isso, não hesitamos em apontar uma cronologia romana para esta ponte.

⁽⁷⁾ No Alto do Crasto, na serra de St^a. Justa, apareceram dois machados de talão com dois anéis, em bronze, tipo Monteagudo 35 A, correspondentes à fase I A da periodização de A. C. Ferreira da Silva para a Cultura Castreja no Noroeste Peninsular. Encontram-se depositados no Museu de Etnologia e História do Porto e são descritos por Ruy de Serpa Pinto, Machados de Bronze do Museu Municipal do Porto, *Portucalae* 1929, 421.

Sobre a exploração mineira das Serras de Valongo, Gondomar e Banjas, cfr. Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em Época Romana, *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura* III Série 1 1984 e também J. Alarcão, *Roman Portugal*, vol. II, fasc. I n^o. 1/ 454.

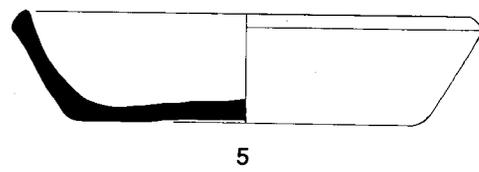
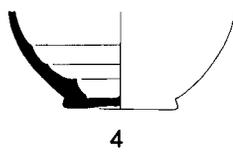
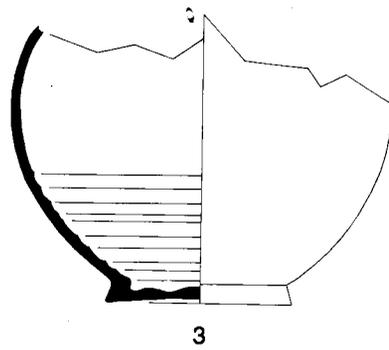
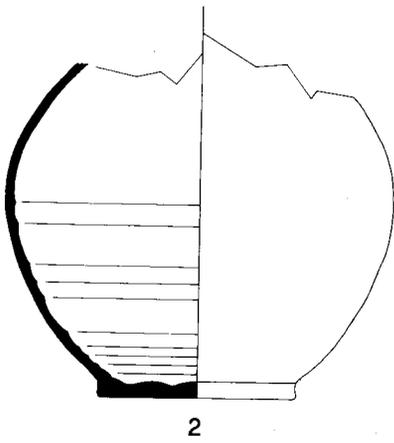
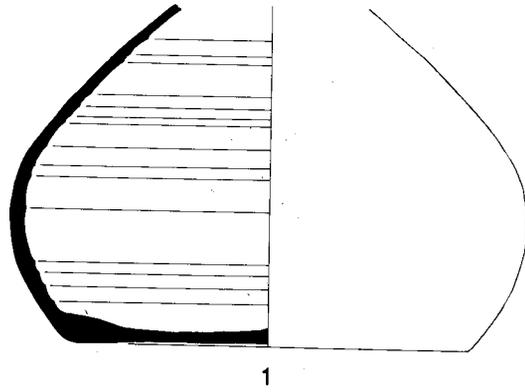
⁽⁸⁾ Cfr. Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época Romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura* III Série 1 1984.

Idem, Contribuição para o Inventário Arqueológico do Concelho de Paredes, *Portugália* n.s. IX-X 1988/89, 109 - 110

José Fortes, Necrópole Lusitano-Romana da Lomba (Amarante), *Portugália* II 1905-1908, 252-262.

Adriana M. G. Jorge do Amaral, Necrópole Galaico-Romana de Laboriz (Amarante), *Portugália* n.s. IX -X 1988/89, 111-114.

⁽⁹⁾ A. Cailleux, *Code des couleurs des sols*, Paris, s/d



Esc. 1:3

Fig. 2

— Prato, Fig. 2.5

Fundo exterior ligeiramente côncavo, de pasta grosseira cor castanha clara (Cailleux M71) e bordo ligeiramente esvasado. O seu tipo é uma das habituais variantes do prato de lume ou frigideira, apresentando, aliás, as superfícies interiores e exteriores cobertas de fuligem. Depósito: Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.

Associado ao prato e às duas bilhas fracturadas, apareceu ainda um conjunto de 5 moedas que apresenta também uma certa homogeneidade. Duas delas, com o anverso totalmente ilegível, podem ser atribuídas quer ao reinado de Gallienus quer, mais provavelmente, ao de Claudius II, o que lhes daria uma cronologia

balizada, em atenção à primeira hipótese, pelos anos 260 a 270 D.C.

Outras duas são do reinado de Claudius II, datáveis entre 269 e 270 D.C., e a restante do reinado de Tetricus, possivelmente dos finais de 273 D.C.

Além de uma deterioração normal, fruto das condições de jazida, estas moedas mostram sinais evidentes do desgaste produzido por uma circulação intensa e permitem, portanto, situar um momento de enterramento nesta necrópole em finais do último quartel do século III.

Há a notar ainda o facto do aparecimento deste conjunto ocorrer na mesma sepultura, o que parece denunciar já uma alteração no ritual funerário romano⁽¹⁰⁾.

CATÁLOGO DAS MOEDAS⁽¹¹⁾

GALLIENUS ou CLAUDIUS II

Roma, 260 - 270

1. Ant., 5F ou 3FK	VICTORIA AVG	1,4	RIC 298 ou 104
2. Ant., 5F ou 3K ou 3 AFK	FELICT ou FELICITAS AVG	1,7	RIC 186 ou 190 ou 32

CLAUDIUS II

Roma, emissão II, 269

3. Ant., 3F	PROVIDENT AVG	1,4	RIC 91; NORMANBY 705
-------------	---------------	-----	-------------------------

Imitação

4. Ant., K	CONSECRATIO	1,1	RIC 261
------------	-------------	-----	---------

TETRICUS I

Gália, Casa da Moeda I, emissão Va, finais 273?

5. Ant., busto C	VIRTVS AVG	2,2	RIC 148 ; ELMER 780; NORMANBY 1485
------------------	------------	-----	---------------------------------------

(10) Cfr. Rui M. S. Centeno, Um Conjunto de Moedas Romanas de Valinho (Bostelo, Amarante) : Tesouro ou Depósito Funerário?, *Entremuros* 1 1990, 23 nota 13, que, baseado no estudo que desenvolve sobre a necrópole de Montes Novos (Croca, Penafiel), verifica a substituição do óbulo a Caronte pela deposição num ou mais contentores de um número variável de moedas — que por vezes aparecem espalhadas soltas pela sepultura mas sem nunca ultrapassar os 100 exemplares —, aventando a hipótese desta modificação estar relacionada com a “generalização da inumação e gradual abandono da incineração”.

(11) Utilizámos, para os aversos, os códigos, legendas e efigies adoptadas em RIC, transcrevendo apenas as legendas dos reversos.

O peso itálico identifica as moedas fragmentadas.

ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS:

ELMER = G. Elmer, Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln Trier und Mailand, *Bonner Jahrbücher* 146 1941, 1-106.

NORMANBY = R. Bland and A. Burnett, Normanby, Lincolnshire, *The Normanby Hoard and Other Roman Coins Hoards*. London 1988.

RIC = H. Mattingly, E. A. Sydenham et alli, *The Roman Imperial Coinage*, Vol. V (part I e II) . London 1926.